

tempo, quer civis, quer religiosas.

A aceitação da ordem e do destino era inculcada como vontade de Deus. O modelo ético ideal da resignação é o Bom Jesus Sofredor. R. Azzi chama a esse fenômeno de "teologia do desterro". O povo adquiriu as virtudes do cativo: conformismo, paciência, resignação, submissão. Instaurou-se, segundo O. Beozzo, a "ética da penitência".

Paulo Freire vê nessa resignação o que ele chama de "consciência oprimida", que consiste na autodesvalorização, servilismo, incapacidade de crítica. É a consciência reduzida ao silêncio, à dependência. Todo este conjunto de resignação, consciência oprimida, forjou o mito do brasileiro bonzinho, cordial e religioso e com ele o mito da "paz social". Por outro lado, como sucedâneo evasivo, como sedativo diante de tanto sofrimento, o povo buscou o consolo na cachaça, o alívio nas festas carnavalescas e religiosas e a catarsis no futebol. Alcoolismo, carnaval e futebol e religião são as consequências sociais da ética da resignação e do cativo. Não é, porém na festa que está a solução ética dos problemas do povo. Os antigos romanos ofereciam "pão e circo". Nós ficamos só com o circo. Está ressoando felizmente a vez do pão. É a ética da libertação.

O povo adquiriu as virtudes do cativo: conformismo, paciência, resignação, submissão.

3. A Ética da Libertação

E. Dussel estuda a ética da libertação na América Latina em cinco volumes. O assunto é amplo e profundo. Segundo o referido autor, o ethos da libertação consiste em permitir que o outro seja outro, deixá-lo existir e servi-lo no trabalho de justiça. Foi exatamente a "indignação ética" dos intelectuais e da Igreja articulada ao clamor do povo que projetou a ética da libertação.

O maior desafio está no uso dos meios e instrumentos a serem viabilizados como "ferramentas de libertação". Para uns só resta a violência, para outros, a análise marxista, para outros ainda, a não-violência ativa. A Igreja latino-americana em Puebla optou pelas vias da comunhão e participação, da conversão pessoal e compromisso social.

O ethos da libertação consiste em permitir que o outro seja outro,

Conclusão

Diante de tantos desafios éticos, o leigo tem um papel indispensável e uma opção a fazer. A moral interpela o leigo a dar testemunho pessoal e a contribuir na construção da "civilização do amor", à luz do evangelho e da organização do povo. Concretamente, o leigo é convocado eticamente a discernir os valores da ética do jeito, a superar a moral da resignação e optar pela libertação.

Bibliografia:

- Dussel E., *Para Uma Ética da Libertação Latino-Americana*, Loyola, S. Paulo, 1977
Leers B., *Jeito Brasileiro e Norma Absoluta*, Vozes, Petrópolis, 1982
Freire P., *Pedagogia do Oprimido*, Vozes, Petrópolis, 1968
Azzi R., *O Catolicismo Popular no Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1978
Mosser A., *Mudanças na Moral do Povo Brasileiro*, Vozes, Petrópolis, 1984

Endereço do autor: R. Dep. Antonio Edu Vieira, 476
88.040 - Florianópolis - SC.

Mons. Valentim Loch

Igreja Mistério — Igreja Comunhão

O Vaticano II abre a Constituição dogmática LUMEN GENTIUM com um capítulo intitulado O MISTÉRIO DA IGREJA. A expressão para não poucos tinha sabor de novidade, pois a nossa teologia tradicional não abriu muito espaço para a explanação de tal conceito. Mas a própria Constituição vem em auxílio colocando, no decorrer do 1o. capítulo, diversos subtítulos que por si próprios ajudam bastante a compreender o que seja Igreja Mistério:

- O Plano do Pai Eterno acerca da salvação universal
- A missão e o múnus do Filho
- O Espírito Santificador da Igreja
- O Reino de Deus
- As várias imagens da Igreja
- A Igreja, Corpo Místico de Cristo
- A Igreja simultaneamente visível e espiritual

De então para cá tornou-se-nos bastante familiar ouvir falar no Mistério da Igreja. Mas, o que significa essa expressão? De antemão, nunca se conseguirá aprofundar suficientemente esse Mistério. Mistério é Mistério, e não simples enigma ou quebra-cabeça.

1. O Mistério da Igreja à luz do Mistério da Salvação.

O Mistério da Igreja será mais bem esclarecido e aprofundado à luz do Mistério da Salvação. Ouvem-se repetidamente expressões como: PLANO DA SALVAÇÃO — MISTÉRIO DA SALVAÇÃO — MISTÉRIO DE CRISTO — HISTÓRIA DA SALVAÇÃO — ECONOMIA DA SALVAÇÃO, coisa que à primeira vista pode até gerar confusão. São porém todas elas expressões que se referem fundamentalmente ao mesmo objeto, exprimindo os vários aspectos sob os quais pode ser visto e considerado o desígnio do Pai, de salvar a todos os homens, congregando-os na mesma Igreja.

Quando dizemos PLANO DA SALVAÇÃO queremos significar que o Eterno Pai agiu ordenadamente ao chamar os diversos seres à existência, sabendo por que, para que,

como e quando chamá-los, e que portanto o homem foi criado no momento previsto no PLANO DA SALVAÇÃO. O mesmo sugere ECONOMIA da Salvação (do grego "oikos" e "nomos").

O Plano de Deus esteve de fato oculto durante séculos.

Ao falarmos em MISTÉRIO entendemos logo sem dificuldade que se trata de algo oculto, grandioso, profundo e inefável. Mas é claro que não se pode reduzir todo o Plano a esse aspecto somente, pois o conceito de Mistério em Teologia e Liturgia transcende de longe.

O Plano de Deus esteve de fato oculto durante séculos: "... Mistério oculto desde os séculos em Deus, Criador de todas as coisas, para dar agora a conhecer aos Principados e às Autoridades na regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio preestabelecido desde a eternidade e realizado em Cristo Jesus Nosso Senhor..."¹

O Mistério da Salvação culmina em CRISTO. Daí porque se fala também em Mistério de CRISTO. Essa culminância em Cristo professamô-la todos os dias no sacrifício eucarístico: "Por Cristo, com Cristo, em Cristo". Segundo a teologia de São Boaventura e Duns Scotus, hoje praticamente aceita por unanimidade entre os teólogos num primeiro momento lógico do Plano da Salvação, o Pai teria pensado em Cristo, de sorte que mesmo que o gênero humano não pecasse, o Verbo se teria encarnado e nós de qualquer forma teríamos o Cristo: "... dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra"². Igualmente "nós fomos escolhidos em Cristo antes da criação do mundo"³, e o Pai nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo.

A expressão EM CRISTO é quase uma obsessão para Paulo. O 1o. capítulo da carta aos Efésios é marcante: desde o versículo 3 até o 13 somente em um versículo não ocorre essa expressão ou outra equivalente.

Mesmo que o gênero humano não pecasse, o Verbo se teria encarnado e nós de qualquer forma teríamos o Cristo.

A HISTÓRIA da Salvação nada mais é do que o Plano em marcha, em execução. O AT é caminhada em direção a Cristo, e o NT é a mesma caminhada, continuada escatologicamente COM CRISTO. Os mistérios de Deus se realizam já na primeira vinda de Cristo, o qual reconciliou todas as coisas em si mesmo, e serão finalmente manifestados em sua universal amplitude com o estabelecimento definitivo do Reino, com a derrota completa dos inimigos do Povo de Deus, e a consolidação da "Cidade Bem-Amada", Jerusalém, símbolo da Igreja.

É de suma importância salientar em nossa catequese e

nas pregações que a História converge para Cristo, que nele desemboca e nele atinge necessariamente o seu apogeu.

2. O Mistério da Igreja ou a Igreja-Mistério e o Sínodo Extraordinário

Como vemos, o Mistério de Deus, que é também o Mistério da Igreja, e que abarca todo o desígnio de Deus sob os mais diversos aspectos, recebe muita luz da Constituição DE ECCLESIA. E o Sínodo extraordinário deu novamente ênfase à Igreja Mistério e Comunhão, sem prejuízo do outro aspecto, Igreja Povo de Deus, que é o tema do segundo capítulo da LG.

"O capítulo primeiro da Constituição sobre a Igreja (Lumen Gentium) com razão e precisamente tem como título "O Mistério da Igreja". Trata-se de uma realidade da qual devemos estar cada vez mais certos. Estamos conscientes de que a Igreja não pode renovar-se sem que esteja enraizada de modo mais profundo na alma dos cristãos esta nota espiritual de mistério. Tem ela como primeiro elemento característico a vocação universal à santidade, dirigida a todos os fiéis bem como àqueles que, pelo seu estado de vida, seguem os conselhos evangélicos. É necessário entender assim a realidade profunda da Igreja e, por conseguinte, evitar as más interpretações sociológicas e políticas a respeito da natureza da Igreja. Na fé e na esperança prosseguiremos assim, sem cessar, o nosso trabalho pela unidade dos cristãos. O Senhor Jesus Cristo, que é o mesmo, ontem e hoje e para sempre, assegura a vida e a unidade da Igreja em todos os séculos. Por meio desta Igreja Deus oferece uma antecipação e promessa de comunhão à qual chama a humanidade toda."⁴

Estamos conscientes de que a Igreja não pode renovar-se sem que esteja enraizada de modo mais profundo na alma dos cristãos esta nota espiritual de mistério.

Mais adiante o documento final do Sínodo acena para o mal causado pelo secularismo, ou por uma secularização mal-entendida. O secularismo "consiste numa visão autonomista do homem e do mundo, a qual prescinde da dimensão do mistério, antes, não faz caso dela ou até mesmo a nega. Este imanentismo é uma redução da visão integral do homem, conduzindo-o não a uma sua verdadeira libertação, mas a uma nova idolatria, à escravidão a ideologias, à vida em estruturas limitadas e muitas vezes opressivas deste mundo."⁵

Todavia, e o Sínodo o registra com satisfação, "não obstante o secularismo, existem sinais de um retorno ao sagrado. Hoje, com efeito, há sinais de uma nova fome e sede de transcendência e do divino. Para favorecer este retorno ao sagrado e para superar o secularismo, devemos abrir o caminho para a dimensão do divino ou do mistério."⁶

Todas as descrições da Igreja, como: Povo de Deus, Corpo de Cristo, Esposa de Cristo, templo do Espírito Santo, Família de Deus, completam-se mutuamente e devem ser compreendidas à luz do Mistério de Cristo ou da Igreja em Cristo."⁷

Logo, para ser verdadeiramente Igreja, é preciso mergulhar profundamente no Mistério de Deus ou de Cristo.

3. A Igreja-Mistério e a Igreja-Comunhão à Luz do Mistério da Trindade

Até agora falamos tanto em Mistério, mas parece-me que podemos penetrar mais um pouco ainda na ESSÊNCIA do Mistério: Em que consiste MESMO o Mistério da Igreja? Onde vai ele buscar a sua ORIGEM?

Nada mais natural do que buscar a resposta no que se chama e é de fato o "Mistério fundamental do Cristianismo: a TRINDADE, que é a alma do Evangelho, a substância do NT, raiz e cume de todos os Mistérios cristãos, no dizer dos Padres, o alfa e o ômega de tudo. A visão da Trindade na Unidade pelos eleitos constitui a razão de ser da criação do mundo, da encarnação do Verbo e de todo o movimento dos corpos e dos espíritos. Na contemplação face a face do Pai, do Filho e do Espírito Santo é que se rematará a História do Universo." ⁸

E o Mistério da Trindade é essencialmente, fundamentalmente, antes e acima de tudo COMUNHÃO: "Eu neles e Tu em mim, para que sejam perfeitos na Unidade" (Jo 17,23). Na oração de Jesus ao Pai se exprime o que é a vida trinitária e como esta deve ser projetada para fora. A vida trinitária é essencialmente comunhão, e todos são chamados a participar desta comunhão, mas não apenas na outra vida. Já aqui na terra deve a Igreja ser testemunho vivo desta Unidade-Comunhão. É preciso, pois, que todos participem da Igreja Comunhão.

E o Mistério da Trindade é essencialmente, fundamentalmente, antes e acima de tudo COMUNHÃO.

A Igreja é também instituição, hierarquia, organização, mas primordialmente Comunhão; e tudo o mais deve estar a serviço da Comunhão. Erram aqueles que põem o fundamento da maior participação dos leigos na vida e nas decisões da Igreja em uma exigência dos tempos modernos, de cunho acentuadamente sociológico: as nações e os governos caminham para a democracia, as ditaduras vão se esfacelando e esboroando, caindo. E a Igreja precisa saber amoldar-se aos novos tempos. E todos reclamam maior grau de participação, principalmente do leigo. Tudo bem, tudo certo, só que a Igreja não pode ser confundida com uma sociedade civil, ou então com uma "democracia" das muitas que pululam no primeiro e no terceiro mundo. É preciso lembrar sempre de novo: a Igreja é Mistério, é Comunhão. A Igreja somente será Povo na medida em que souber ser Comunhão. Onde houver Comunhão haverá Participação. E onde a Participação. E onde a Participação for muito deficiente ou imperfeita, isso será sinal de que muito falta ainda para que a Igreja seja uma Comunhão como Cristo quer.

Poderíamos afirmar que a Igreja não é democrática e sim SACRAMENTAL. Ela não se apóia em decisões de maioria simplesmente, mas baseia-se na autoridade do próprio Cristo.

Na assembléia conciliar aconteceu mais de uma vez que um documento, apesar de ter recebido maioria suficiente de sufrágios favoráveis, voltava ou melhor era reenviado às comissões para receber nova redação. E isso se repetia até que se alcançasse uma unanimidade moral no plenário. Que significa essa unanimidade moral? Ela evidentemente não possui apenas caráter de votação e de decisão, como acontece nos Congressos, nos Parlamentos e nas Assembléias Nacionais, mas sim o caráter de TESTEMUNHO. Simplesmente isso: encontrou-se a Verdade! e não que ela tenha sido produzida nos laboratórios das comissões ou mesmo no plenário dos Bispos ⁹.

A Igreja não é democrática e sim SACRAMENTAL. Ela não se apóia em decisões de maioria simplesmente, mas baseia-se na autoridade do próprio Cristo.

Igreja-Mistério, Comunhão, Povo de Deus, Corpo de Cristo. Não separemos nunca estes aspectos. Somente assim é que encontraremos o caminho para uma maior participação de todos na vida da Igreja.

4. Igreja-Comunhão e Diálogo

Em qualquer organismo vivo todos os membros conspiram para a Unidade, para a vitalidade e para a saúde do organismo. E quando o organismo se chama Igreja, essa "conspiração" se chama Comunhão, que por sua vez se baseia na vivência da Igreja-Mistério. Mas nunca haverá Comunhão se não houver conhecimento mútuo. E nem esse será possível se não houver diálogo, ou encontro de irmãos. Ficamos felizes quando há pouco a Diretoria da CNBB, os nossos Cardeais, e os Presidentes dos Regionais foram a Roma para um diálogo com as Congregações romanas e com o próprio Santo Padre. Foi um encontro de irmãos. A nossa grande imprensa manipulou como pôde o referido encontro, querendo por força ver nele um enquadramento dos bispos brasileiros, "convocados" pelo Papa. . . Risum teneatis! . . . Sabemos que foram 19 horas de trabalho, tendo o Santo Padre participado pessoalmente durante 16 horas (algo fora de série!), falando pouco, deixando falar, limitando-se a ouvir e a tomar algumas notas. É algo que nos enche de júbilo. E a iniciativa deverá estender-se também a outras Conferências Episcopais. Tenhamos a certeza de que o fruto mais precioso desses Encontros será o aprofundamento da Comunhão episcopal e eclesial.

Outro fato muito auspicioso foi a presença do Cardeal Bernardin Gantin, Prefeito da Congregação para os Bispos, na Assembléia Nacional da CNBB em Itaipó, no mês de abril p.p. Novamente certos órgãos da imprensa recorreram à farsa da manipulação, apontando o Cardeal como um emissário do Vaticano, vindo para pôr os pontos nos is. . . E o que aconteceu foi que Sua Eminência fora convidado pela CNBB já no ano passado, para pregar um dia de recolhimento aos Bispos durante a Assembléia. Veio, participou de diversos plenários, misturou-se aos irmãos bispos, entrava na fila para pegar prato, talheres e comida. E ao despedir-se declarou

Livros de nossos Professores

NEY BRASIL PEREIRA

"A CEIA PASCAL"

Paulinas, S. Paulo, 1985 — 2ª edição

Texto e dramatização da Última Ceia, para celebração comunitária da Páscoa, com finalidade pedagógica e espiritual.

P. Ney é tradutor de inúmeros livros das mais diversas edições bíblicas no Brasil.

PAULO BRATTI

"A FÉ NO DESTERRO"

Loyola, S. Paulo, 1983

Este livro do ex-diretor do ITESC aborda problemas teológico-pastorais da atualidade, procurando definir-se claramente dentro da perspectiva do Papa do Vaticano II e Puebla. É uma obra póstuma, coordenada pelo P. José A. Besen nosso ex-professor.

VALTER MAURÍCIO GOEDERT

"A RESTAURAÇÃO DO DIACONATO PERMANENTE"

Loyola, S. Paulo, 1983

"A CAMINHADA DO DIACONATO PERMANENTE"

Paulinas, S. Paulo, 1981

A preocupação pelo diaconato envolve Valter M. Goedert.

O autor oferece sua contribuição à recuperação do diaconato permanente e sua renovação na Igreja.

Estes estudos teológico-histórico-pastorais vêm qualificando o autor como assessor nacional dos Diáconos Permanentes no Brasil e assessor da CNBB.

HELACION RIBEIRO

RELIGIOSIDADE POPULAR NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA

Paulinas, S. Paulo, 1985

O autor apresenta como o Deus de Jesus Cristo se manifesta na religiosidade popular dos pobres da América Latina. A religiosidade popular é estudada aí em suas diversas perspectivas teológicas, evidenciando o quanto é importante este caminho para a renovação da fé a partir de um novo processo de evangelização.

"A experiência vivida aqui terá e conservará um impacto incalculável. Em 29 anos de Bispo nunca tive uma experiência dessas. Começamos uma nova época. A despedida é difícil para os que se amam. Mas, se não se parte, não se retorna"¹⁰. Foi oferecida a ele uma cruz metálica, para que a mesma lembre em seu escritório a certeza das orações dos bispos brasileiros. Na cruz se liam palavras que comoveram o Cardeal Prefeito: "A cruz dos Bispos do Brasil ficou mais leve por sua ajuda, querido Cardeal Gantin."

Em 29 anos de Bispo nunca tive uma experiência dessas. Começamos uma nova época.

A que se referiria o Cardeal ao dizer: "Começamos uma nova época"? Os que estiveram em Itaici devem tê-lo compreendido. O fato é que começou uma nova fase nas relações Vaticano — CNBB, marcada por um diálogo estreito, profundo e fraterno. O diálogo é luz.

Fechar-se ao irmão equivale a viver nas trevas.

Notas:

- 1 — Ef. 3, 8-9
- 2 — Ef. 1, 9-10
- 3 — Ef. 1, 4
- 4 — Mensagem dos Padres Sinodais ao Povo de Deus — SEDOC, março/1986/825
- 5 — Ibidem, 832
- 6 — Ibidem, 832
- 7 — Ibidem, 833
- 8 — PHILIPON, Michel, "A Santíssima Trindade e a Igreja" em, BARAUNA, G. A Igreja do Vaticano II. Vozes, Petrópolis, 1965. — p. 361
- 9 — RATZINGER, J. A fé em crise, E.P.U. — S. Paulo, 1985, p. 32
- 10 — NOTÍCIAS — Boletim semanal da CNBB, 17 de abril de 1986 — p. 3

Endereço do Autor: Casa Paroquial
Praça Renato Ramos da Silva, 55 — Balneário
88 075 — Florianópolis — SC

Pe. Ney Brasil Pereira

A espiritualidade dos leigos

Introdução — Pretendendo discorrer sobre a espiritualidade "dos leigos", será preciso primeiro entendermo-nos sobre o que é "espiritualidade". Se vamos ao dicionário, p. ex., ao Aurélio, somos lá informados de que espiritualidade é "a doutrina acerca do progresso metódico na vida espiritual". Temos aí bons elementos, parece-me, para uma explicitação: trata-se da "vida espiritual", isto é, da vida de fé, apresentada